

## GRAFITANDO UM PASSADO DE LUTAS<sup>1</sup>

Rogério Ferreira de Souza<sup>2</sup> - PPG-UERJ

Marcar o território inscrever-se nele e ali expressar a sua identidade, seu estilo de vida e, algumas das vezes, sua visão política seria para o Canclini (2000)<sup>3</sup> a intencionalidade por trás do grafite. Pois, segundo o autor, esses atores sociais que reconfiguram a estética visual oficializada da cidade, carecem de um circuito que permita a divulgação de sua arte.

O grafite é para os mestiços da fronteira, para as tribos urbanas da Cidade do México, para grupos equivalentes de Buenos Aires ou Caracas, uma escritura territorial da cidade, destinada a afirmar a presença e até a posse sobre um bairro. As lutas pelo controle do espaço se estabelecem através de marcas próprias e modificações dos grafites de outros. Suas referências sexuais, políticas ou estéticas são maneiras de enunciar o modo de vida e de pensamento de um grupo que não dispõe de circuitos comerciais, políticos ou dos *mass mídia* para expressar-se, mas que através do grafite afirma seu estilo. (Canclini,2000)

Podemos pensar também o grafite como manifestação cultural que tenta demonstrar para a sociedade a insatisfação de grupos sociais e especialmente excluídos da 'ordem democrática', ou seja, impedidos de demonstrar as suas idéias, desejos e insatisfações.

A arte do grafite pode também se apresentar como uma forma de alerta para uma situação que se impõe arbitrariamente a grupos ou comunidades, que por razões diversas encontram-se em dificuldades de transmitir as suas aflições e as suas memórias.

Neste sentido, este trabalho busca pensar o grafite como uma manifestação para 'além da arte'<sup>4</sup>, como um ato de denúncia e resistência. Para isso, analisamos o movimento grafiteiro que se iniciou na comunidade da Favela do Morro dos Macacos, Zona Norte do Rio de Janeiro<sup>5</sup>, em 2002. Verificamos que este movimento teve o seu surgimento conjuntamente com a intervenção urbanística do poder público sobre a FMM, no Programa Favela-Bairro e a intensificação da violência imposta pelos conflitos entre traficantes e

policiais, tornando a localidade muito mais violenta do que em qualquer período anterior da sua história.

Os grafiteiros em sua maioria são adolescentes que freqüentam aulas nos centros comunitários localizados na favela e têm apoio de ong's que ajudam esses centros financeiramente. Segundo um dos professores de um grande centro comunitário<sup>6</sup> a ajuda recebida das ong's é praticamente para o pagamento dos professores e para a compra de materiais. O resto das despesas é financiada por atividades do próprio centro incluindo os projetos sociais junto ao Estado e às empresas privadas.

Segundo este professor<sup>7</sup>, estes adolescentes não vão para o centro aprender a grafitar. Eles aprendem a trabalhar com os materiais de arte, a misturar as cores e a definir as suas idéias. A opção pelo grafite parte de suas próprias vontades:

Aqui eles não aprendem o grafite, até porque não se ensina a grafitar, isto nasce com cada um. O que fazemos é ensiná-los a trabalhar com as cores, a distinguir os vários tipos de produtos e a desenvolverem uma idéia artísticas e a colocá-las em planos de diversos tamanhos. Quando passamos para parte prática e pedimos para eles escolherem o material e o lugar para realizar a atividade eles já vão logo pedindo uma parede e umas latas de color-jet... não é que não tenha meninos e meninas que queiram fazer outro tipo de trabalho, mas a maioria quer grafitar<sup>8</sup>.

Uma explicação para a opção desses jovens moradores da favela pelo grafite, pode estar na própria imposição da cultura urbana que veio com a urbanização da favela e pelo ritmo musical do hip-hop.

O Programa Favela- Bairro, além de praças para práticas de esportes convencionais construiu uma pista para prática de skate, uma atividade pouco convencional na localidade. Segundo o seu X isto de certa forma trouxe para dentro da favela uma cultura do 'asfalto':

Aqui se jogava bola, andava de bicicleta e soltava pipa. Agora os jovens escutam hip-hop e andam de skate. Mas isso foi com o início da chegada do asfalto para a favela com o Favela-Bairro. Ele construiu quadras de futebol, mas também construiu uma pista de skate e asfaltou algumas ruas que a molecada vive correndo com os seus skates. Tudo isso e mais a chegada do hip-hop que quase todo mundo que gosta dessas músicas também gostam de grafitar. Eu também acho legal essas mudanças, mas eu não esqueço e nem deixo de dizer que essas coisas são lá de baixo, do asfalto e que

aqui a gente tem as nossas coisas também. Eu tenho medo de que eles esqueçam do samba, da bola e das coisas que têm aqui.

Se por um lado às mudanças espaciais decorrentes do Programa Favela-Bairro contribuíram para o surgimento de uma cultura do grafite, não necessariamente esta prática valoriza essas mudanças. O que se percebe é que há nos grafites a intencionalidade de mostrar insatisfações quanto ao Programa.

Vários grafites foram feitos em lugares, que segundo o Seu X., os moradores não concordaram com a mudança feita pelo projeto. A Curva, lugar famoso da favela, onde se localizavam várias biroschas e que servia como ponto de encontro para os moradores, foi transformada em uma praça, com bancos e mesas para o jogo de dama ou xadrez. Ao entorno desta da Curva, havia algumas árvores que faziam sombra em grande parte do terreno. Hoje, com a construção da praça, estas árvores foram retiradas, ficando apenas as de pequeno porte e em lugar das outras árvores foi construído um muro cinza de aproximadamente dois metros e meio de altura e quinze metros de extensão.

Para modificar um pouco o que foi feito pelo Programa Favela-Bairro nesta parte da favela foi promovido por membros dos centros comunitários, um concurso de pintura no muro, feito pelo projeto urbanístico, pois segundo o professor deste centro, seria necessário que pintasse aquele lugar para trazer mais alegria ao local:

Ali na Curva ninguém gostou do que foi feito. Aquela praça não serve para ninguém e para nada. Além do mais ficou muito feia e sem graça. Aqui os idosos não têm como hábito jogar xadrez. Eles jogam purrinha<sup>9</sup> em pé na beira da birosca e não sentados na pracinha. Ainda para piorar tiram as árvores antigas da rua e colocaram este muro sem graça. Não teve jeito, promovemos um concurso de grafite para dar mais vida naquele muro.

Esta foi, segundo este professor, a primeira iniciativa de grafitar áreas públicas da favela e a primeira iniciativa política, pois segundo este entrevistado, aquele concurso era uma forma de mostrar que algumas coisas que, o Programa Favela-Bairro estava fazendo, a comunidade não estava gostando.

Porém, o que mais impressiona neste movimento são os tipos de grafites realizados por esses jovens. Pois ao escolherem como objeto de crítica algumas modificações realizadas pelo Programa Favela-Bairro, grafitando uma área modificada pelo programa, os grafites feitos procuram demonstrar outras indignações, ou melhor, tentam transmitir uma outra mensagem que ultrapassa a crítica ao Estado, mas aborda uma situação vivida pela comunidade atualmente, que é o aumento da violência na favela e a condição de pobreza que atinge grande parte da população da comunidade. Como é o caso do grafite que ganhou o concurso promovido pelo centro comunitário<sup>10</sup>. Nele, o jovem produziu um enorme painel com o Cristo Redentor de um lado e a favela do outro, como os seguintes dizeres (...) Grandes riquezas e grandes pobrezaas.

Além deste concurso, outros eventos, assim como outros espaços foram palco para manifestações culturais com a utilização do grafite. A escolha dos lugares para realização do grafite obedeceram a duas lógicas: grafitar os lugares transformados pelo Programa Favela-Bairro, e que, de alguma forma os membros da comunidade não aceitaram a mudança, por ter ficado feio, ou por ter destruído algum espaço significativo na memória coletiva desses moradores; a segunda lógica foi grafitar em lugares deixados pelas obras do Favela-Bairro e que servissem como registro de lugares que sobraram da antiga favela: como por exemplo o muro que dividia a área do antigo Jardim Zoológico da área da favela.

Este muro fica na entrada da favela e é neste espaço onde ocorre a maioria dos conflitos entre traficantes e policiais, quando executam incursões na comunidade. Este fato é significativo, pois os grafites realizados neste muro trazem uma mensagem de pedido de paz.

Além dos grafites e desenhos encontramos frases que solicitam a paz para a comunidade. Outros transmitem a forma de pensar do grafitador, como pode ser visto no grafite ao lado, no qual informa que a arma que ele usa é de brinquedo e não uma arma de verdade, apontando para o preconceito que sofre o jovem morador da favela. Pois, a visão

estabelecida pelo senso comum, expressa principalmente pelos meios de comunicação, afirma que grande parte dos jovens moradores das favelas é marginal.



Estes grafites expressam um significado ambivalente, pois a quem eles pedem paz? Para o Estado e o seu aparato policial ou aos traficantes que impõem uma ordem local opressiva e violenta? Quando indagado a esse respeito, Seu X. informa que aos dois, só que para a maioria das pessoas, principalmente para os integrantes da polícia ou do governo, estes grafites estão a mando do tráfico:

...Uma vez os policiais prenderam alguns rapazes que estavam trabalhando em um muro lá perto da Associação. Fui correndo para impedir que eles fossem preso. Daí o policial me disse que aquilo ali era para pedir que a polícia não entrasse mais na favela e que deixasse o tráfico de drogas solto. Expliquei que nenhum daqueles garotos estavam envolvidos com o tráfico e que todos estavam matriculados na escola. O que eles queriam dizer é que a violência de ambos os lados tinha que acabar.

Até hoje o tráfico, segundo Seu X., não impediu nenhuma atividade com o grafite. O que o chefe do tráfico pede é que ele seja informado do local em que será feito o grafite. Conforme o Seu X., alguns membros do tráfico também praticam o grafite, só que na maioria das vezes são dizeres enaltecendo a facção a que pertence a localidade, que hoje é o terceiro comando<sup>11</sup>.

No último evento de grafite realizado na FMM em janeiro de 2004 os temas escolhidos foram a violência e o pedido de paz:



Foto 11: pedido de paz



Foto 12: pedido de paz

Essas manifestações artísticas e sociais promovidas pelo grafite demonstram como é latente a questão da violência nesta comunidade. O que se deixa de falar, agora é exposto nos muros nas casas abandonadas e nas praças mal utilizadas. E quem fala não é mais o velho e antigo morador, ou um conceituado presidente de associação dos moradores. Quem fala, através das gravuras, rabiscos e desenhos, são os jovens e adolescentes que nas últimas décadas se transformaram nas principais vítimas desta violência urbana.

Outro aspecto importante deste movimento de grafiteiros, na comunidade da FMM, está sendo o projeto promovido por professores dos centros comunitários, para organizar um grande painel em um muro abandonado, próximo à Associação dos Moradores. Este painel terá como tema “A Favela dos Macacos, ontem, hoje e sempre”.

O objetivo deste painel, segundo um dos professores envolvidos no projeto e o Seu X., é fazer com que esses jovens, através dos grafites, recuperem a memória da favela. E, para fazer isto, esses jovens estão indo buscar com os antigos moradores informações de como era a favela, quais os locais que mais tinham importância para a comunidade e o que levou ao seu fim.

Ao buscar tais informações, além de servirem como fonte inspiradora para os desenhos, estes jovens estarão recriando e reinventando a memória coletiva desta comunidade. Pois serão combinadas as lembranças dos mais velhos às vivências dos mais novos, em uma prática pós-moderna do grafite .

---

<sup>1</sup> Este texto sintetiza algumas partes da minha dissertação de mestrado defendida em março de 2004, no Programa de Mestrado em Memória Social da UNIRIO, Intitulada – Tecendo o Passado: a construção da memória coletiva de alguns moradores da Favela do Morro dos Macacos.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

<sup>3</sup> CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

<sup>4</sup> Grifo meu.

<sup>5</sup> Esta favela é conhecida externamente como Complexo do Macaco. Para que a leitura não fique cansativa, resolvemos abreviar Favela do Morro dos Macacos por FMM.

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao pesquisador em outubro de 2003. Este entrevistado não autorizou a sua identificação e a identificação do centro comunitário no qual faz parte.

<sup>7</sup> Por questões de segurança, os entrevistados não foram identificados e os seus nomes foram codificados.

<sup>8</sup> Entrevista concedida ao pesquisador em abril de 2003.

<sup>9</sup> Jogo comum em camadas populares que utilizam palitos de fósforo e muitas das vezes são feitas apostas em dinheiro.

<sup>10</sup> Concurso realizado em dezembro de 2001.

<sup>11</sup> Estes grafites não foram fotografados pois muitos deles se encontram em áreas perigosas de total controle do tráfico.